

## CAMINHOS DA DANÇA NA RUA: EXPERIENCIANDO UM PROGRAMA PERFORMATIVO

JANAINA BRUNA DOS SANTOS MOREIRA<sup>1</sup>  
DÉBORA SOUTO ALLEMAND<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – janaina.bruna.kizy@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – deborallemand@hotmail.com

### 1. APRESENTAÇÃO

O projeto de extensão Caminhos da Dança na Rua é coordenado atualmente pela professora Débora Allemand, o projeto teve início em 2015, criado pela professora Carmen Hoffmann, e foi espaço onde a então discente Débora realizou seu estágio no espaço não formal. Teve como alavanca suas inquietações da relação das pessoas com os espaços públicos, que parte da ligação das suas formações que são Arquitetura e Urbanismo e Dança-Licenciatura.

E o primeiro momento que se pôde relatar sobre a interdisciplinariedade nesse projeto é em relação aos seus participantes, já que por se tratar de um projeto de extensão (aberto a Universidade e Comunidade) os integrantes que compõe o grupo além de serem membros da Dança, também são oriundos alunos da antropologia e do cinema, na configuração atual, porém já tivemos membros de outros cursos e espaços. O que acaba por enriquecer ainda mais o projeto com suas contribuições.

Um dos principais objetivos do Caminhos é experienciar a rua, utilizando muitas vezes da metodologia da improvisação, como nesse caso utilizamos programa performativo que FABIÃO (2013) apresenta em seu texto e nos faz querer experienciar. Mas também outro ponto importante de se destacar é que nesses anos de existência do projeto, ele vem se renovando, seja por troca de membros, ou por conta de fatos do cotidiano que nos atravessam, e que consideramos importante de trabalharmos e darmos visibilidade.

Sendo assim o grupo leva a dança para a rua através do Caminhos, não divulgando somente o curso, como a universidade em si tendo contato direto com a comunidade sem tanta espetacularização. Fazendo nós alunos da dança vivenciarmos ela em espaços/contextos diferentes, e nos aproximando de experiências que só o urbano e o imprevisto podem oferecer.

### 2. DESENVOLVIMENTO

Este texto é uma memória de uma experiência vivida no projeto, através da adaptação do Programa performativo em deambulação, de VELOSO (2015).

Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. [...] programas são iniciativas. [...] um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. (FABIÃO, 2013, p. 4)

No programa que escolhemos o foco era voltado para a mulher, porém como no Caminhos o grupo é misto, optamos por não pensar por esse viés, e acabamos por escolher nos inspirar em alguns itens que eram propostos.

**Figura 01 – Esquema do programa performativo em Deambulação**



Fonte: Registro do livro LIMINARIDADE, 2017.

Então o programa do Caminhos inspirado nesse programa visto na imagem ficou constituído da seguinte forma: Aqueça-se: onde acordamos nosso corpo realizando uma troca com o espaço urbano, mexendo nossas articulações, brincando com o jogo do peso; Programa-se: onde pensamos na arquitetura do local, conhecendo-a através do nosso corpo, iamos até locais escolhidos por nós e tentávamos completa-los, ficávamos um certo tempo e saímos; Comunique-se: onde em vez de telefonarmos para alguém nos guiar pela cidade, cada membro do grupo escreveu comandos para guiar o outro por um caminho e no localiza-se: compartilhamos nossas experiências, e outras ideias, vontades que surgiram através dessa vivência.

### 3. RESULTADOS

Essa prática aconteceu na praça Coronel Pedro Osório de Pelotas, em uma tarde de sol durante o semestre 2017-1, com muitos transeuntes. E após as ações, foram percebidos erros de interpretações, que na verdade por se tratar de ser arte e estar ligada diretamente à subjetividade, pode-se dizer que não foram erros e sim outras perspectivas daqueles mesmos comandos, que pode ser parecido ou não com a forma que a pessoa que escreveu imaginou.

Assim pode-se perceber que a interpretação de cada participante da ação está ligada a sua vivência de vida, e suas experiências do cotidiano, junto com a sua forma de enxergar o mundo. Trago aqui um exemplo: Quando há o comando de dar dez saltos até a árvore mais próxima, fica subjetivo a forma que deverá ser

executado (de frente, de costas, girando, lento, acelerado, nível baixo, entre outros).

Outro ponto importante de ser relatado é sobre os espectadores/transeuntes que estão ligados diretamente ao programa/performance,

[...] podemos entender a linguagem da performance: como uma linguagem que não constitui apenas uma representação de determinada situação ou contexto, mas que, realizando e efetuando-se, modifica o presente, influi ativamente nele, propondo transformações nos modelos de poder vigente, remodelando as subjetividades e as relações previamente estabelecidas. É nessa transformação que podemos ver a potência principal da performance: a performance não representa, mas é, transforma, recria, remodela modelos vigentes, tornando visível e palpável o invisível e o despercebido, e propõe alternativas para a transformação. (ALICE, 2014, p. 34).

Como a autora cita no trecho acima, a performance modifica o espaço/local, quebra um padrão que está estabelecido. Os transeuntes que passaram por onde estávamos participaram da atividade seja através de uma pergunta que lhe foi feita por um dos performers ou por estar no percurso que tínhamos que realizar, assim tendo que desviar ou encontrar outra maneira de seguir.

Teve participação no sentido de questionarem o que estava acontecendo através de olhares, sendo assim se torna cada vez mais nessa contemporaneidade um elemento ativo (LADEIRA, 2015). Acaba que mesmo sem os espectadores saberem ou entenderem direito, se relacionam com a performance, e isso é uma característica muito forte no projeto Caminhos, essa troca com o público, mesmo sendo às vezes em pequenas atitudes, ou outras vezes quando os próprios protagonizam a nossa ação.

#### 4. AVALIAÇÃO

Pode-se visualizar no programa performativo um grande potencial de versatilidade e acessibilidade, que é um ponto positivo para o campo da extensão, já que através dessa ferramenta (metodologia) podemos alcançar qualquer faixa etária, a partir de movimentações/vivências do cotidiano comum a todos. Também pode destacar que é possível planejar essa atividade em qualquer ambiente, assim tendo acesso a escolas, eventos, hospitais, ONGs, entre outros.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALICE, Tania. **Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como revolução dos afetos**. Catálogo Nacional do SESC. 2014. Disponível em: <[http://taniaalice.com/wp-content/uploads/2012/11/palco2014\\_Artigo\\_Tania.pdf](http://taniaalice.com/wp-content/uploads/2012/11/palco2014_Artigo_Tania.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2017

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O corpo-em-experiência. **Revista do LUME**: Campinas, SP, n. 4, 2013. Disponível em: <<http://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276/256>> Acesso em 28 jul. 2017.

LADEIRA, J. C. P. **FILEIRA G, ACENTO 18 OU: O lugar do espectador na criação dos espetáculos de dança de grupos independentes da cidade de Pelotas-RS. 2015.** 137 f. Dissertação (Trabalho de Conclusão de curso em Dança Licenciatura) – Faculdade de Dança, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

VELOSO, Verônica. Programa Performativo de ambulância. In: Coletivo Cartográfico, Núcleo Tríade e Daniel Luhmann. (Org.). **Liminaridade.** 1. ed. São Paulo: Parole, 2015.